



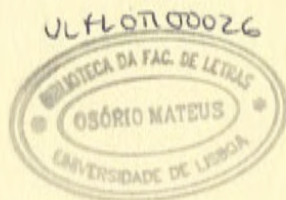
Ferreira de Castro
SIM, UMA DÚVIDA
BASTA

Peça em 3 Actos

Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

Elena Muniz
1954

FERREIRA DE CASTRO



SIM, UMA DÚVIDA BASTA

Peça em 3 actos

Prefácio de Luiz Francisco Rebello

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES / PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA

1994

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Castro, Ferreira de, 1898 - 1974

Sim, uma dúvida basta

(Autores de língua portuguesa)

ISBN 972-20-1148-0

CDU 869.0-2 "19"



SIM, UMA DÚVIDA BASTA

1ª edição

Tradução de Luiz Francisco Rebello

Publicações Dom Quixote, Lda.

Rua Luciano Cordeiro, 116- 2º

1098 Lisboa Codex – Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© Ferreira de Castro, Sociedade Portuguesa de Autores, 1994

Capa sobre desenho de Elena Muriel

1ª edição: Maio de 1994

Depósito legal nº: 77516/94

Fotocomposição: Espaço 2 Gráfico

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1148-0

ACTO I

CENA I

Gabinete do Governador de New Jersey. Portas ao fundo e à esquerda. Secretária, telefones, estantes, etc. Por detrás da secretária, um retrato de Washington. Perio da boca de cena três ou quatro "mupias" em volta das mesas com cinzeiro e cigarros.

Ao levantar o pano, o Governador — quarenta e quatro e cinco anos — despencha com o secretário, que é mais novo do que ele. O Governador está vestido de secretária e o secretário de pé, com um papel na mão.

GOVERNADOR (examinando os papéis que estão sobre a secretária, dentro duma pausa) — Esta pretensão da Companhia dos Oleos não deve ser legítima. Não estou certo.

SECRETARIO — Tem um parecer favorável da repartição e está recomendada pelo doutor Murray...

CENA I

Gabinete do Governador de New Jersey. Portas ao fundo e à esquerda. Secretária, telefones, estantes, etc. Por detrás da secretária, um retrato de Washington. Perto da boca de cena três ou quatro "maples" em volta duma mesita com cinzeiro e cigarros.

Ao levantar o pano, o Governador — quarenta a quarenta e cinco anos — despacha com o secretário, que é mais novo do que ele. O Governador está sentado à secretária e o secretário de pé, com um papel na mão.

GOVERNADOR (*examinando os papéis que estão sobre a secretária, dentro duma pasta*) — Esta pretensão da Companhia dos Óleos não deve ser legítima. Não assino isto.

SECRETÁRIO — Tem um parecer favorável da repartição e está recomendada pelo doutor Murray...

GOVERNADOR — Não importa. Não assino. Que façam nova exposição...

(*Folheia.*) Este requerimento...

SECRETÁRIO (*debruçando-se ligeiramente para a pasta*) — É ainda sobre o caso dos jardins do palácio. V. Exa. já o tinha examinado outro dia...

GOVERNADOR — Sim, sim, recorda-me. (*Assina.*)

SECRETÁRIO (*desdobrando o papel que tem na mão*) — Há três pedidos para audiências.

GOVERNADOR — Esta manhã só recebo o juiz Maughan e coronel Harper. Logo que eles cheguem previna-me. Não estou para mais ninguém.

(*O secretário baixa a cabeça.*) Quem deseja audiência?

SECRETÁRIO (*lendo o papel que tem na mão*) — O director da Companhia de Motores Waddington.

GOVERNADOR — Amanhã, às quatro...

SECRETÁRIO — O senhor Meredith...

GOVERNADOR — Já voltou da Califórnia? Marque para hoje, às cinco.

SECRETÁRIO — O doutor Murray...

GOVERNADOR — O doutor Murray?... Deve ser por essa pretensão da Companhia dos Óleos... Deve querer insistir... Marque para depois de amanhã... Depois de amanhã, às quatro...

CENA 2

Betty, sobrinha do Governador, jovem e bela, assoma à porta da esquerda. Ao ver que o secretário está no gabinete, hesita.

GOVERNADOR (*dando pela entrada de Betty*) — Olá!

BETTY — Dás licença?

GOVERNADOR — Entra! Entra! Hoje madrugaste... (*Secretário tira a pasta de cima da secretária, fecha-a e sai, cumprimentando discretamente Betty.*)

BETTY (*sorrindo e avançando para o Governador*) — Bom dia! (*Beija-o na testa.*) Dormiste bem?

GOVERNADOR — Dormi. E a minha gentil sobrinha também dormiu bem?

BETTY (*Em pé, junto da secretária*) — Não. Não pude repousar.

GOVERNADOR — Por isso te levantaste tão cedo...

BETTY — Vim interromper o teu despacho...

GOVERNADOR — Não é por isso. Eu já tinha acabado. Mas, para ti, que costumas levantar-te ao meio dia...

BETTY — São quase onze horas...

GOVERNADOR (*sorrindo*) — É um "record"...

BETTY — É que eu queria falar-te antes do juiz Maughan chegar. Ele ficou de vir às onze, não é verdade?

GOVERNADOR (*com expressão grave*) — Sim... Estou à espera dele.

BETTY — E o coronel Harper? Também mandaste chamá-lo?

GOVERNADOR — Também.

BETTY — Diz-me: já te convenceste de que Fritz está inocente?

GOVERNADOR (*não responde logo. Pequeno silêncio. Depois*) — Vamos a ver o que diz o juiz. Passei toda a manhã a examinar a cópia do processo... (*Indica um grosso volume de papéis que está sobre a secretária.*)

BETTY — Então? (*O Governador não responde.*) Está inocente, podes ter a certeza! (*com mais entusiasmo*): Se o visses, se lhe falasses como eu lhe tenho falado, convencias-te também de que ele está inocente!

Aqueles olhos não podem mentir! É um desgraçado, vítima duma série de circunstâncias infelizes. E não tem ninguém que se interesse por ele. Se não fores tu...

GOVERNADOR — Acima de mim está a justiça. E no processo há coisas terríveis contra ele.

BETTY — Mas é preciso convencer a justiça. Não se pode matar um inocente...

GOVERNADOR — Tu não sabes se ele está inocente...

BETTY — Sei, sei! Diz-mo uma coisa cá dentro...

GOVERNADOR (*sorrindo*) — Minha filha, isso não é uma prova... é quando muito um caso de ventriloquia...

BETTY (*dobra-se e abraça o Governador*) — Não brinques! Tu também sentes que ele está inocente! Faz o que eu te peço! Procura conseguir que o juiz fique do nosso lado. Sim, fazes isso?

GOVERNADOR (*desprendendo-se meigamente dela*) — Não sabes o que dizes, tolinha... Então querias que eu pretendesse suggestionar o juiz? Nem ele, agora, pode fazer coisa alguma...

BETTY — Pode, na Junta dos Indultos... Tu sabes que pode! E se tu...

CENA 3

SECRETÁRIO (*abrindo a porta do fundo*) — O senhor juiz Maughan.

BETTY (*Correndo para a porta da esquerda*) — Vê lá!

GOVERNADOR (*para o secretário*) — Mande entrar.
(*Entra o juiz, 65 anos. Cabelos brancos. Reumático.*)

CENA 4

JUIZ — Como está V. Exa.?

GOVERNADOR (*Levantando-se e indo ao encontro do juiz*) — Obrigado. E V. Exa. como está?

JUIZ — Mal. Mal. O reumatismo não me deixa...

GOVERNADOR (*caminhando, com ele, para a boca de cena, oferece-lhe um maple*) — Faz-me favor...

JUIZ (*sentando-se com dificuldade*) — Com estas constantes mudanças de atmosfera, quase não posso mover as articulações...

GOVERNADOR (*sentando-se também*) — Eu calculo o esforço que terá feito para vir até cá... Peço-lhe que me desculpe ter-lhe pedido...

JUIZ (*interrompendo*) — Não: isso não tem importância. O reumatismo é que dá cabo de mim.

GOVERNADOR — E o que dizem os médicos?

JUIZ — Ora! Receitam panaceias. Não adiantam nada. O ano passado ainda fui até à Europa ver se fazia um tratamento. Mas a Europa é uma ilusão. Nós temos aqui o que há de melhor. E só para viajar... já estou velho...

GOVERNADOR (*pega na caixa que está sobre a mesita e estende-a ao juiz*) — Um cigarro...

JUIZ — Já não fumo...

GOVERNADOR (*pousa a caixa. Curto silêncio. Depois*) — Eu pedi a V. Exa. o favor de passar por cá para trocarmos impressões sobre o caso do Fritz. Mas se soubesse que estava assim...

JUIZ — Do Fritz? Ah, do alemão que raptou o filho de Campbell. Então que há?

GOVERNADOR (*após ligeira hesitação*) — Como sabe, esse homem deve ser electrocutado dentro de poucos dias...

JUIZ — Sim, bem sei. Há mesmo para aí, em volta do caso, um ruído que não se justifica. (*Governador faz o gesto de quem vai a falar, mas contém-se*). Então que queria?

GOVERNADOR — Sei que foi V. Exa. que no Supremo Tribunal mais se opôs à revisão do processo. (*O juiz faz um gesto afirmativo com a cabeça*) Dado o prestígio de V. Exa. essa atitude parece ter impressionado profundamente muitos magistrados. Ora eu tenho-me ocupado, nos últimos dias, a examinar o caso. E no meu espírito nasceu uma dúvida... (*Pausa. Atenção do juiz.*) Tenho aqui uma cópia do processo... (*Indica a papelada sobre a secretária.*) Mas como V. Exa. o conhece melhor de que eu e o estudei, gostava de ouvir a sua opinião...

JUIZ — A minha opinião... Sobre quê?...

GOVERNADOR — Sobre o réu. V. Exa. está convencido de que é ele o autor do rapto e da morte do filho de Campbell?

JUIZ — Absolutamente. (*Silêncio da parte do Governador. Pausa.*) V. Exa. duvida? (*Sorriso do juiz.*) É essa a sua dúvida?

GOVERNADOR — É. Mas V. Exa. conhece, decerto, o assunto melhor do que eu...

JUIZ — Claro! Nós estudamos muitos processos, mas a esse, por sinal, prestei bastante atenção... É um caso que foi muito falado...

GOVERNADOR — Mas foi só pelo processo que V. Exa. se convenceu de que esse homem que vai ser electrocutado é o criminoso?

*O juiz contempla o Governador, como se quisesse adivinhar o que ele pensa.
Depois:*

JUIZ — Não compreendo onde quer chegar...

GOVERNADOR — É que o próprio processo deixa dúvidas...

JUIZ — Deixa dúvidas? Hum!... Não me parece. Eu não as encontrei. Que dúvidas pode haver quando se provou, pelo exame dos peritos, que a caligrafia do réu é igual à do bilhete em que se pedia 50.000 dólares pelo resgate da criança?

GOVERNADOR — O exame dos peritos foi impugnado...

JUIZ — Foi... pelo advogado de defesa. Mas ponhamos de lado a questão de caligrafia. Em poder do réu foram encontradas várias notas que o comandante Campbell e o doutor Sambrook reconheceram no réu e até na sua voz o mesmo homem a quem eles entregaram, no cemitério, o dinheiro para o resgate. Além disso, encontrou-se em casa do réu madeira igual à empregada na escada com que os raptos se serviram para entrar no quarto onde dormia a criança. E ainda mais provas, como sabe...

GOVERNADOR — Não digo que não. Não quero mesmo afirmar coisa alguma. Queria apenas ouvir a sua opinião. Noto, porém, que no processo, apesar de todas as provas, não se

consegue desfazer o mistério que há em volta deste caso. O crime não pode ser reconstituído duma maneira clara, definitiva, com todas as suas personagens. Há terríveis provas contra um homem, há coincidências espantosas, mas não me parece que haja a certeza absoluta de que foi ele o criminoso.

JUIZ — Não há a certeza?

GOVERNADOR — Eu creio que não. V. Exa. sabe melhor do que eu que, várias vezes, tem acontecido reunirem-se provas esmagadoras contra um homem e, anos depois, verificar-se que ele estava inocente.

JUIZ — Hum! Não é este o caso...

GOVERNADOR — Para as notas que foram encontradas em poder do réu ele apresentou a versão dum amigo que tinha deixado à sua guarda, antes de partir para a Alemanha, algumas maletas e uma caixa. Não digo que essa versão seja verdadeira, mas no processo também o caso não se esclarece concretamente. Quanto à voz do criminoso, é preciso não esquecermos que o comandante Campbell a ouviu, de noite, num cemitério, quando ia saber do destino do seu filho. A sua própria condição de pai que procura a última esperança em lugar já de si tão impressionante, como é um cemitério à noite, deviam logicamente emocioná-lo. É natural que essa voz lhe parecesse dias depois, igual à de muitos outros homens. No tribunal, quando ele disse reconhecê-la, também é natural que estivesse emocionado e sugestionado até pelas muitas provas que se apresentavam contra o homem que se encontrava na sua frente.

JUIZ — O comandante Campbell é conhecido em todo o mundo justamente pelo seu sangue frio. Além disso, quando ia pagar o resgate, fazia-se acompanhar pelo doutor Sambrook,